

OVERWATCH®

BASTET



UM CONTO DE MICHAEL CHU



*UM CONTO
DE MICHAEL CHU*

*ILUSTRAÇÕES
ARNOLD TSANG*

*ARTE ADICIONAL
BENGAL*

*DESIGN E LAYOUT
BENJAMIN SCANLON*



A

pós dias de espera, o alvo de Ana apareceu em um dos opulentos palácios antigos do Cairo. Abdul Hakim era um verdadeiro rei, daqueles que usam seu poder e influência para sugar a vida da cidade, enriquecendo junto com seu séquito. Mas, antes que ela tivesse uma oportunidade de capturá-lo, surgiu o primeiro fantasma: Jack Morrison. Embora ele estivesse mascarado e tivesse assumido a identidade de um justiceiro, o Soldado: 76, Ana o reconheceu imediatamente.

O mundo acreditava que Morrison havia morrido na destruição da base da Overwatch na Suíça, mas ela tinha lá suas dúvidas. Embora Jack tivesse escapado da morte, um espectro o perseguia... o Reaper. Um assassino vestido todo de preto, seu rosto escondido atrás de uma máscara branca de osso.

Reaper confrontou Jack e Ana entrou no meio para ajudar. Ela subjugou Reaper, prendendo-o no chão. Mas, quando puxou a máscara sombria e viu o rosto arruinado por baixo, ela reconheceu Gabriel Reyes, um companheiro que conhecia há tanto tempo quanto Jack. Gabriel demonstrou ser o verdadeiro fantasma quando desapareceu no ar, como um sussurro.

Ela ficou apenas com a revelação de que Gabriel e Jack, dois homens que foram verdadeiros irmãos para ela, não estavam mortos.

Para ser justa, eles também achavam que eu estava.

Ana respirou fundo e inspecionou a cena. Marcas de bala cobriam as paredes, ladrilhos do piso jaziam rachados e os corpos dos seguranças da mansão, capangas dos negócios ilegais de Hakim,

*ELA FICOU
APENAS COM A
REVELAÇÃO DE
QUE GABRIEL
E JACK, DOIS
HOMENS
QUE FORAM
VERDADEIROS
IRMÃOS PARA
ELA, NÃO
ESTAVAM
MORTOS.*



estavam espalhados como brinquedos de criança. Jack estava de pé no meio do pátio, impassível.

“Acabei com todos eles”, disse ele enquanto revirava os pertences de um dos mercenários abatidos.

Um guarda caído no chão entre os dois gemeu e, em um piscar de olhos, Ana sacou a arma e disparou um dardo sonífero no pescoço dele.

“Você esqueceu um”, disse ela.

Jack deu de ombros com o seu jeitão de bom rapaz. “Bom ver você também, Ana.”

Ana desceu o visor tático embaixo do capuz. A tela digital não ativou. Irritada, subiu o visor de volta. “Tem alguma ideia de para onde ele foi?”

Jack ativou seu visor e examinou a área. “Nenhum sinal.”

Vou me preocupar com isso depois.

“Isso não tá com uma cara boa”, disse Ana. Jack tinha sido atingido logo abaixo do enorme número “76” na jaqueta. Quando examinou mais de perto, ela percebeu que a jaqueta e o corpo dele haviam sido retalhados por um disparo de escopeta. Daquela distância, ele deveria ter morrido, mas Jack tinha certas vantagens.

Suas feridas se curavam sozinhas,

herança de seu passado como cobaia e soldado aprimorado das forças armadas norte-americanas.

Ela já via o tom rosado da nova pele se formando nas margens do ferimento, ainda incompleta.

Nas piores partes, a carne estava negra e necrosada.

“Eu vou ficar bem”, resmungou

Jack. “Nós só precisamos de tempo.”

Nós, pensou Ana. Jack estava se adaptando rapidamente à ideia de que seu ex-melhor amigo ainda estava vivo.

Ou ele já sabia?

Um som tênue de sirenes se aproximando a interrompeu.

“É melhor irmos embora. Parece que alguém notou.”

Jack concordou com a cabeça. “Vá na frente.”



Uma hora depois, Ana e Jack estavam agachados nas sombras, observando enquanto táxis flutuantes passavam a toda e um par de civis descia a rua cavalcando camelos-robôs. Acima deles, esquifes e drones de vigilância cruzavam o céu — os primeiros levando os cidadãos abastados para seus compromissos da tarde e os segundos, mobilizados pelo tiroteio no palácio de Hakim.

Ana se embrenhou pelos becos estreitos, encontrando caminhos no labirinto de ruas e passarelas, sempre de olho nas patrulhas que rondavam como falcões. Pela primeira vez na vida, ela dava graças pela infraestrutura remendada da cidade, ainda se recuperando da intervenção da Overwatch uma década depois. O estado da terra natal de Ana era um dos motivos da sua volta. Escolha dela ou não, ela se sentia responsável pelo legado da Overwatch ali.

À sombra de uma das enormes torres de refrigeração abandonadas, o calor do sol escaldante da tarde era um pouquinho

mais tolerável. Ele não incomodava Ana, mas Jack parecia estar sofrendo. Seus aprimoramentos genéticos deveriam ajudá-lo a se adaptar a diferentes condições climáticas, da mesma forma que deveriam ter estancado o sangue que escorria pela camiseta que ele amarrou no abdômen como bandagem.

“Você precisa se cuidar mais”, ralhou Ana.

“Você parece a Angela”, resmungou Jack.

Ana esperou um carro de polícia passar correndo, com as luzes piscando, e então fez um sinal para avançar.

ESCOLHA DELA OU NÃO, ELA SE SENTIA RESPONSÁVEL PELO LEGADO DA OVERWATCH ALI.

“Você acha que estão nos procurando?” Jack limpou o suor da testa.

“Muito provavelmente”, disse Ana, olhando de soslaio para o carro que se afastava. “Mas há muitos crimes aqui. A polícia anda ocupada.”

Outra parte do nosso legado.

Jack havia ficado alguns passos para trás, apoiando-se em uma das paredes. “Me lembra Praga.”

“Não vou carregar você dessa vez”, disse Ana. “Vamos lá, Jack. Não pare.” Ela saiu correndo das sombras e atravessou a rua, sentindo a força total do sol e o calor que emanava das pedras no chão.

De volta às sombras, ela continuou. “Praga foi culpa nossa. Eu nunca vou entender por que você achou que Reinhardt conseguiria ser discreto.”

Ana esperou Jack se defender. Quando ele não respondeu, ela se virou. Ele havia desabado nas pedras do calçamento, a céu aberto.

Agora não, Ana pensou enquanto corria de volta para ele. Ela tentou erguê-lo. “Acorda, Jack.” Nenhuma resposta.

Ana colocou o braço de Jack sobre o ombro e o levantou, carregando-o até o beco.



Jack acordou lentamente. Isso não era normal. Mesmo antes do exército, ele sempre teve sono leve, acordando de repente com o menor barulho. Seus olhos se ajustaram rapidamente à luz fraca do aposento enquanto ele se sentava. Ele estava em uma velha cama de lona militar com um cobertor surrado. Suas costelas doíam como nunca.

“Finalmente”, disse Ana ao se aproximar, silenciosa como uma gata à espreita. “Quer chá?”

“Prefiro uísque, se você tiver.”

Ana revirou os olhos. “Ah, sim, Jack, claro que eu guardo uma garrafa aqui só pro caso de você aparecer.”

“Pode ser chá”, disse Jack com a voz mais baixa.

Ana alongou os ombros. “Eu tive que carregar você até aqui, sabia?”

“Eu já levei tiro várias vezes. Nunca me senti assim antes.” Jack fez caretas enquanto se virava para tentar enxergar melhor o

ferimento. Três feridas profundas enormes cruzavam suas costas e costelas, suturadas com um fio preto.

“Tem alguma coisa muita errada nesse ferimento. É melhor levarmos você ao médico.” Ana foi até uma mesa baixa com um fogão elétrico e colocou uma chaleira de ouro ornamentada em uma das duas chapas.

“Acho que os médicos não vão saber tratar isso.” Jack parecia soturno.

“A Dra. Ziegler não está muito longe”, sugeriu Ana. “Mas eu não vou carregar você.”

“Sem médicos”, disse Jack. “Muito menos a Angela.” Como explicar isso para ela? Duvido que queira nos receber agora. Dois fantasmas perdidos.

“Eu tentei suturar você por conta própria”, disse Ana se desculpando. “Nunca fui muito boa com curativos em campo. Não precisava muito.”

Ele passou o dedo nas suturas improvisadas. “Parece coisa de açougueiro.”

“Bom, você pode cuidar de si mesmo a partir de agora, se preferir.”

“É um pouquinho difícil de alcançar”, disse Jack, encabulado.

“Então não reclame.” Ana parou. “E isso não deveria estar se curando?”

Jack concordou com a cabeça. “Deveria. Será que os cartuchos foram cobertos com um agente biológico?”

“Não quer mesmo ver a Dra. Ziegler?”

“Nós teríamos que explicar para ela que não estamos mortos”, disse Jack.

“Ela é a milagreira. Já deve estar acostumada a essa altura”, ri Ana.

“Sem Angela”, disse Jack, e o assunto morreu.

***DUVIDO QUE QUEIRA
NOS RECEBER AGORA.
DOIS FANTASMAS
PERDIDOS.***

**“EU NÃO
LEMBRAVA QUEM
EU ERA QUANDO
ACORDEI.”**

Ele olhou em volta para o que parecia ser o lar de Ana. Era uma mistura de equipamento tático, sobras do exército, dispositivos de vigilância e uns poucos toques de ambiente doméstico. O espaço parecia mais um sítio arqueológico do que um apartamento, com câmaras e colunas de pedra antiga e desgastada, e as paredes estavam cobertas de hieróglifos, embora alguns parecessem trabalho de vândalos mais modernos. Em uma mesa baixa, Ana tinha disposto um pequeno conjunto de objetos antigos cuidadosamente preservados: uma urna com tampa de cabeça de carneiro feita de pedra branca leitosa, uma máscara preta e dourada com o semblante de uma deusa-gata feroz, um vaso lascado de barro marrom-avermelhado e uma pequena estatueta verde e brilhante de falcão.

Jack deu uma boa olhada nas antiguidades. “Esse lugar me lembra um museu de Nova York aonde minha mãe me levou quando eu era criança.” Aquela tinha sido uma das partes favoritas da viagem para ele: correr em volta das ruínas de um antigo templo egípcio. Ele sorriu com a lembrança.

Ana ofereceu uma caneca azul com padrão xadrez vermelho. “É uma necrópole, uma cidade dos mortos.”

“Bem apropriado.” Jack riu. Ele apontou para os objetos expostos. “O que são essas coisas?”

“Eu achei quando me mudei para cá. Não dava para jogar fora. Essas relíquias sobreviveram por milhares de anos. Impérios surgiram e caíram e elas ainda estão aqui. Achei melhor cuidar delas antes de mandá-las para o Dr. Faisal.”

Jack soprou de leve o chá para esfriá-lo. “Você ficou aqui esse tempo todo?”

“Desde que saí do hospital na Polônia.” Ana observou Jack bebericar o chá.

Ele fez uma careta com o gosto amargo. “Tem açúcar?”

Ana o ignorou. “Eu não lembrava quem eu era quando acordei. Eu não sabia meu nome, então me chamavam de ‘Janina Kowalski’, a Joana Ninguém deles. Fiquei meses sentada naquele quarto de hospital, confusa e morrendo de dor. A Dra. Lee disse que eu dei sorte. Bom, sorte para alguém que ficou com cacos de vidro e estilhaços enterrados no crânio.” Ana sentiu a dor do olho fantasma só de relembrar a experiência.

“EU NUNCA ME PERDOEI POR TER DEIXADO VOCÊ PARA TRÁS.”

“Nós procuramos você”, disse Jack, sombrio. “Eu usei todos os recursos à minha disposição. Gabe até colocou McCree pessoalmente no caso. Nenhum sinal. Todos tentaram me convencer de que você tinha morrido e que eu estava sendo irracional. Mas lá no fundo eu sabia que você não podia estar morta.”

E eu tinha razão, pensou Jack.

“A Dra. Lee não me colocou no sistema. Eu a convenci de que tinha gente perigosa atrás de mim.”

“Eu sou perigoso?”, perguntou ele, se fingindo de inocente.

“Você é um cordeirinho, Jack”, riu Ana. “Com o tempo, eu consegui juntar as peças do que aconteceu, mas não sei até que ponto foi real e até que ponto eu preenchi as lacunas por conta própria. Eu me lembrava da missão. Nós fomos encurralados pela franco-atiradora inimiga, e eu estava tentando desentocá-la. Lembro que eu mirei. Mas a sensação é que havia um motivo para não querer lembrar o que aconteceu depois.”

Jack olhou para a caneca.

“Foi porque eu reconheci a franco-atiradora”, disse Ana, examinando-o cuidadosamente. “Você já sabe disso.”

“Amélie?”, perguntou Jack. “Sim.” Ele havia descoberto isso e mais ao longo dos anos, mas preferiu não mencionar.

“Pobre Gérard”, suspirou Ana.

Os dois ficaram em silêncio por algum tempo enquanto o vapor subia preguiçosamente das canecas e se dissipava na atmosfera empoeirada do antigo aposento.

“Por que você veio aqui, Jack?” Ana finalmente perguntou.

“Eu nunca me perdoei por ter deixado você para trás. Fiquei sabendo de uma caçadora de recompensas no Cairo e tive esperanças de que...” Jack pousou a caneca na mesa.

“Você nunca foi de esquecer”, ralhou Ana. “É teimoso demais.”

“Gabriel está por aí. A Talon está ficando mais poderosa. Eles precisam ser parados, e tudo que nós sofrremos, tudo que você

sofreu, precisa de retaliação. Eu vou acabar com eles, pedaço por pedaço.” O discurso fervoroso de Jack ecoou nas paredes de pedra, e ele estava de punhos cerrados. Ele os abriu lentamente. “Mas não posso fazer isso sozinho. Preciso da sua ajuda.”

Ana cruzou os braços. “Você mal consegue ficar de pé. Você desmaiou na rua. Você só precisa é de descanso.”

“Não deixe isso passar. Não seja como os outros. Eles destruíram tudo que nós passamos a vida toda construindo e nos transformaram em vilões.”

“Nem todos nós somos como você, Jack”, disse Ana. “Alguns conseguem seguir adiante.”

“Isso é seguir adiante”, rosnou Jack.

“Você está nervoso”, disse Ana. “Não está pensando direito. Vá descansar mais um pouco. Podemos conversar depois.”

“Depois?” Jack olhou rapidamente para a caneca e depois de novo para Ana. “Por acaso você...”

Ele desabou na cama de lona.



Ana esperou Jack cair completamente no sono antes de pôr as pernas dele na cama, colocar um travesseiro embaixo de sua cabeça e cobri-lo com um cobertor velho. Ele tinha cicatrizes que ela não reconhecia, e seu cabelo tinha ficado mais ralo e prateado. Enquanto dormia, o Soldado: 76 sumiu de vista, e ela sentiu a presença do Jack que conheceu.

Ana recolheu a caneca vazia e deixou-o descansar.

*“NÃO DEIXE
ISSO PASSAR.
NÃO SEJA COMO
OS OUTROS.”*





Mais tarde, Ana retornou ao complexo escurecido, levando suprimentos em uma bolsa de lona no ombro. Com as luzes apagadas, o lugar parecia ainda mais uma tumba. Ela percorreu o corredor da entrada, entrou no aposento principal e encontrou nada mais, nada menos que Jack sem camisa, fazendo flexões com uma mão e cerrando os dentes. Os esparadrapos estavam descartados em uma pequena pilha na cama. Ana via os tons vermelhos e negros da carne ferida, com suas suturas inexperientes.

“Você vai acabar abrindo esses pontos”, comentou.

“Eu estava meio impaciente”, explicou Jack.

“É, você passou dois dias dormindo”, respondeu Ana. “Está com fome?”

“Eu estou morrendo de vontade de comer hambúrguer.”

Ana olhou para ele, incrédula.

“Mas não sou exigente.” Jack abriu para ela o sorriso que usava para tentar se livrar de enrascadas. Ele era mesmo uma criança às vezes.

Ana tirou sacos de papel com comida da bolsa e os colocou na mesa à frente dele. Os cheiros agradáveis tomaram o ar. Havia falafel com feijão e sacos de pães recém-saídos do forno recheados com cordeiro e cebola. “Pelo menos não fui eu que cozinhei.”

“Mais um Deus e seus pequenos milagres”, brincou Jack, rindo.

Apesar de tudo, Ana riu também.

Jack atacou a comida como alguém acostumado a ter que fazer refeições correndo. Ana pegou um pouquinho, e os dois comeram praticamente em silêncio. Quando terminaram, Jack se recostou no caixote onde estava sentado e voltou ao seu interrogatório.

“Por que você não me contou que estava viva?”, perguntou.

“Não sei se você vai entender”, disse Ana. “Gabriel entenderia, mas de certa forma vocês são diferentes.”

O rosto de Jack estava impassível. “E Fareeha? Você deixou ela achar que você estava morta.”

“Essa foi a parte mais difícil.” Ana suspirou. Ela se levantou e foi até a escrivaninha, onde havia um pequeno retrato de Ana com a filha pequena nas costas. Os braços das duas estavam bem abertos, como se estivessem voando. “Fareeha ia esperar que a Capitã Amari retornasse, mas ela se foi. No momento em que eu hesitei, eu mudei.”

“Você não pode se culpar”, disse Jack suavemente. “Como você ia saber?”

“Não seja condescendente, Jack”, repreendeu Ana. “Claro que foi culpa minha. Não tenho que passar o resto da vida assombrada por isso, mas posso aceitar a culpa.”

“Não teria feito diferença para nós. Nós iríamos querer você de volta. No fim das contas, não conseguimos continuar sem você”, disse Jack, tocando-a gentilmente no ombro. “A Overwatch precisava de você. E agora eu preciso de você.”

Ana notou o desespero no rosto de Jack. “Se vingar pelo que aconteceu não vai dar em nada, você só vai acabar morrendo.”

“Pode ser, mas eu tenho que lutar mesmo assim. Todo mundo desistiu, mas eu não.”

Ele me culpa, também. Ana percebeu. “Teimoso.”

“Você também não desistiu de lutar”, disse Jack. “O que mais você estava fazendo no palácio de Hakim?”

“Eu tentei levar uma vida tranquila, sabia? Eu ficava perto da minha filha e me sentia em paz. Mas, quanto mais eu vivia aqui, mais difícil ficava ignorar a nossa responsabilidade pelo que aconteceu com essa cidade. Nós desativamos o projeto Anúbis e o Egito nunca mais se recuperou.” Ana se levantou e virou as costas para Jack. “A vida do povo está difícil. Estão sendo usados por parasitas como Hakim. Como eu poderia deixar isso de lado quando eu sei que posso fazer alguma coisa?”

“Você está lutando por justiça, assim como eu”, disse Jack.

Ana cerrou os olhos. “Vingança não é justiça.”

Jack jogou as mãos para cima. “Estamos atrás da mesma coisa. Por que você acha que Hakim estava se encontrando com Gabriel? Ele está trabalhando para a Talon. A podridão dessa cidade vai se espalhar e vai estragar o mundo, como sempre.”

“Hakim comanda uma organização criminoso que sufocou o Cairo. A polícia e o governo ou fingem que não veem ou estão no bolso dele. Os mantimentos não estão sendo distribuídos para quem precisa. É quase impossível conseguir atendimento médico”, disse Ana. “Olhe nos meus olhos e diga que consegue ir embora sem fazer nada.”

“O Cairo e o mundo vão sofrer enquanto não acabarmos com todos eles! Você tem que ver o contexto maior”, disse Jack vigorosamente.



“Você parou para pensar no que está dizendo? Você nunca teria usado esse argumento antes”, disse Ana em desaprovação. “O jeito como fazemos as coisas é importante”.

“Os tempos mudam”, retrucou Jack, decisivo. “Du você vem comigo ou eu vou embora. Já perdi tempo demais.”

“Eu não vou.”

Jack olhou para ela em silêncio por um longo momento. “Uma franco-atiradora que se preze elimina a maior ameaça primeiro. Era o que você tinha que fazer.” Jack pegou seu casaco destruído. “Se quiser perder tempo com criminosos de segunda, problema seu. Eu tenho uma guerra para lutar.”

Ele saiu batendo a porta.



Depois que Jack saiu, Ana ligou o computador. Jack o tinha usado antes e a tela estava repleta de artigos sobre movimentos e aparições do Reaper. Ana se perguntou quem estava fornecendo essas informações a ele, mas esse enigma tinha que ficar para outro dia. Ela deu uma olhada nos relatórios e se lembrou do rosto destruído que viu atrás da máscara.

Gabriel... O que aconteceu com você?

Um dos artigos indicava que as baixas de um dos ataques do Reaper haviam sofrido os mesmos tipos de ferimentos que Jack.

Aquela cientista desgraçada, pensou Ana com asco.

As outras informações ofereciam pouca coisa nova sobre o Reaper, proporcionando apenas uma visão da mente de Jack. Ele estava seguindo uma teia de corporações, representantes do governo e instituições financeiras, todos irremediavelmente entrelaçados por artérias corruptas e intermediários suspeitos. Esse tipo de problema nunca tinha sido o forte de Jack. Ele preferia dois lados, fatos concretos e uma decisão clara e inequívoca.

Essa bagunça sempre foi a área de Gabriel.

Não tanto quanto antes.

Ana examinou suas opções. Lá no fundo, ela sabia que queria ficar. O Egito estava ruindo. Mais alguns anos e provavelmente acabaria em caos, destruído por aproveitadores e criminosos como Hakim. Como Áquila Picanço-barreteiro, a caçadora de recompensas, ela vinha fazendo diferença lentamente, pouco a pouco. Se fosse embora, todo o seu trabalho seria desfeito.

Mas há outras pessoas aqui, como Fareeha. Elas não estão desamparadas. Não tem que ser você.

Ah, o orgulho de novo.

Ela examinou de novo os artigos sobre o justiceiro Soldado: 76. Um deles chamou sua atenção: um assalto à usina nuclear mais nova da LumeéiriCo. Um tiroteio ocorreu no meio do mercado com uma série de ferimentos graves e danos à propriedade, todos atribuídos



*ERA A DEUSA BASTET.
UMA GUARDIÃ.*



a ele. Mas também havia o testemunho de uma garota local em Dorado. Mesmo que todos os outros o achassem assustador, ela o chamou de herói.

Não tem que ser você, mas às vezes as pessoas precisam de algo no que acreditar.

Ana sabia o que tinha que fazer. Ela foi até a estante improvisada com os tesouros que encontrou na necrópole quando chegou. Olhou para o rosto felino da máscara antiga. Era a deusa Bastet.

Uma guardiã.



Jack andava pela cidade adormecida. O ar fresco da noite era uma mudança agradável após o calor do dia. Graças ao tardar da hora, as ruas estavam calmas, embora ele tivesse ido parar no centro da cidade. As barracas que vendiam comida, peças de ômnicos recuperadas e tecidos já tinham fechado havia muito tempo. Não havia toque de recolher, mas os moradores eram aconselhados a ficar dentro de casa ao anoitecer por questão de segurança. Depois de ficar cara a cara com o Reaper, a escuridão era um poço de sombras que ocultava o desconhecido.

Jack estava na caçada há algum tempo, juntando informações e seguindo as pistas que tinha. Ele teve a vantagem de passar despercebido, mas as coisas mudaram. Sem dúvida, a Talon e seus aliados sabiam que ele estava atrás deles. Ele acabara de ter sua única boa noite de sono desde que chegara estava no Cairo, a primeira em muito tempo.

Não acredito que ela me drogou, pensou Jack.

Ele estava inquieto agora. Ficar tempo demais no mesmo lugar era arriscado, especialmente agora que Gabe iria procurá-lo. Ele tinha que seguir em frente.



A noite tinha virado manhã e uma lua cheia pairava baixa no céu quando Jack finalmente voltou. Ana estava sentada no computador quando ele entrou.

“Voltou para pegar o resto das suas coisas?”, perguntou ela, sem tirar os olhos da tela.

Ele andou até ela: “Vou ajudar você a capturar Hakim. Depois disso, vamos atrás do Reaper.”

“Temos que garantir que a cidade esteja protegida”, corrigiu Ana. “Eu só vou com você depois que as coisas estiverem resolvidas aqui. Isso significa não só Hakim, mas os seguidores dele também. Eu tenho que saber que as pessoas ficarão em segurança”.

Jack cerrou o maxilar enquanto pensava na proposta. “Então vamos para a mansão cercar ele e seus homens. Um ataque rápido, antes que ele tenha tempo de se preparar.”

Ana balançou a cabeça. “Nada de se precipitar. Lembra como as coisas acabaram da última vez?”

“Teria ficado tudo bem se Gabe não tivesse aparecido.”

Ana ergueu a sobrancelha.

Jack suspirou. “Qual é o plano, então?”

“Começamos de baixo e subimos aos poucos. Fechamos o cerco ao redor de Hakim, deixamos ele sem recursos e o forçamos a agir abertamente. Temos que expor ele e seus protetores. Entendido?”

Jack suspirou, cedendo. “Sabe, eu disse pro Gabe que tinham escolhido a pessoa errada para ser Comandante de Ataque.”

“É, mas você estava pensando nele, não em mim”, respondeu Ana.

“Podia ter sido Reinhardt.” Jack deu um sorrisinho.

“Não vamos bancar os loucos agora.”

*“NÃO TEM QUE
SER VOCÊ, MAS ÀS
VEZES AS PESSOAS
PRECISAM DE
ALGO NO QUE
ACREDITAR.”*



Depois da luta no palácio, Hakim relutou em voltar, preferindo passar de um refúgio para outro na cidade. Jack tinha conseguido rastrear alguns deles e encontrar o que parecia mais apropriado para seus planos. Ele alugou um apartamento onde poderiam observá-lo de cima. Ana e Jack não tinham perdido tempo com comodidade: o quarto só tinha duas cadeiras de madeira surradas e um caixote de madeira. Eles se revezavam em um saco de dormir. Após o segundo dia, Ana havia insistido em trazer uma chapa aquecedora para poder fazer chá.

Em uma semana, eles haviam capturado alguns sócios de Hakim, desmantelando a organização dele. Correram boatos de que ela estava sendo visada. As pessoas concordavam que o responsável, quem quer que fosse, queria fazer justiça. Mas, após o surto inicial, as coisas tinham abrandado. Hakim se escondeu ainda mais. Ele estava sendo mais cuidadoso. Não havia nada a fazer além de esperar.

A monotonia não era tão ruim assim para Ana. Como franco-atiradora, ela tinha paciência de sobra, e contar com a liberdade de andar pelo lugar, tirar cochilos e até pisar na rua deixava tudo mais do que tolerável. Jack, no entanto, estava impaciente. Ana viu o jeito como ele olhava pela janela, examinando o horizonte sem parar, e sabia que o olhar dele estava fixo em uma coisa apenas.

Gabriel.

“E aí?”, Jack perguntou, olhando para cima. Ele estava largado na cadeira de uma forma que deixaria um professor escolar preocupado. Ele tinha alguma coisa na mão.

“Nem sinal de Hakim. O que você está olhando?”, perguntou Ana.

“Ah, só estou relembrando os velhos tempos.” Jack entregou a pequena pilha de fotos. Estavam desgastadas, amarrotadas em alguns pontos e obviamente tinham acompanhado Jack por bastante tempo.

A foto de cima era uma imagem deles com Gabriel, os três com uma aparência jovem e otimista, embora Gabriel já apresentasse sinais do estresse que a liderança trazia. Eles tinham acabado de vencer uma grande batalha no Rio de Janeiro. “Eu lembro da praia”, sorriu Ana. “A gente saiu tão sério nessa foto... É engraçado!”

“É por isso que ela é ótima!”, riu Jack.

É bom saber que ele ainda consegue rir.

Ela passou para a seguinte e quase deixou as fotos caírem de tanta surpresa. Ela nunca tinha visto a fotografia, mas a reconheceu imediatamente. Jack estava tão mais jovem. Ele tinha acabado de sair de um transporte militar para tirar a folga. Foi a outra pessoa na foto que a surpreendeu: um homem de cabelo escuro, vestido com uma camisa preta casual de botão. O braço de Jack estava no ombro dele.

Vincent.





“Vincent... Faz anos que não penso nele”, disse Ana. “Ainda tem esperanças com ele?”

Jack balançou a cabeça. “Nada do tipo.”

“Você nunca procurou ele? Deve ter ficado curioso. Todo o poder de vigilância do mundo. Aposto que Gabe teria designado um agente da Blackwatch para ele se você pedisse”, disse Ana.

Jack lançou um olhar fuzilante para ela.

“Tá bom, assunto delicado”.

Jack riu. “Ele se casou. São bem felizes. Fico feliz por ele.”

Ana não tinha se convencido. No começo de tudo, Jack falava muito sobre ele, ventilando um sonho de que a guerra acabaria logo e talvez tivesse a chance de voltar a uma vida normal.

Mas a recompensa para pessoas como nós nunca foi uma vida normal.

“Vincent merecia uma vida melhor do que eu poderia dar a ele.” Jack suspirou. “Nós dois sabíamos que eu nunca poderia colocar nada acima do dever. Tudo pelo que lutei foi para proteger gente como ele... Esse foi o sacrifício que eu fiz.”

“Relacionamentos não dão muito certo para nós, não é?”, disse Ana, passando inconscientemente o polegar no local onde ficava sua aliança.

“Pelo menos você e Gabe conseguiram formar suas próprias famílias.”

Os dois voltaram a ficar em silêncio.

***MAS A
RECOMPENSA
PARA PESSOAS
COMO NÓS NUNCA
FOI UMA VIDA
NORMAL.***



Ana olhou rapidamente pela janela e viu a figura familiar de Hakim entrando no prédio. “É ele.” Ana devolveu as fotos para Jack, que as guardou cuidadosamente no bolso interno da jaqueta.

“Pronta?”, Jack perguntou enquanto colocava sua máscara e visor tático, pegando o rifle de pulso pesado que estava encostado na parede.

Ana pegou seu próprio rifle, um tanto mais manejável que o de Jack, e o pendurou no ombro. Ela prendeu algumas granadas atordoantes no cinto e retirou o último item do pacote: a máscara preta e dourada.

“Você vai levar isso?”, perguntou Jack.

“Você me inspirou, Jack. O Soldado: 76 é mais do que um justiceiro. O mundo conhece esse nome. Seus inimigos têm medo de que você vá encontrá-los. Eu não quero que Hakim, a Talon ou qualquer um mergulhe o Cairo no caos assim que eu for embora. Eu vou usar uma máscara nova. Dessa vez, não uma caçadora, e sim uma protetora. O tipo de persona que eu poderia deixar para trás para manter as pessoas a salvo... Bastet.”

“E só achei que minha máscara era assustadora.” Jack sorriu.

“Bastet é mais assustadora do que uma velha.”

“Ana, nada é mais assustador do que uma velha”, disse Jack.

“Você que o diga.”



Uma semana depois, Ana e Jack embalavam as coisas na base da necrópole. Eles deixariam muitos dos pertences de Ana para trás, levando apenas o necessário para a jornada. Hakim e sua rede criminosa foram desmantelados. Os jornais começavam a relatar as ações de uma guardiã chamada Bastet, que havia capturado Hakim e exposto a dimensão de seus crimes. Até o governo foi forçado a agir.

“E esses aqui?” Jack apontou para a estante com os artefatos egípcios.

“Eu mal consegui te carregar e você quer que eu leve tudo isso?”, disse Ana. “Estão bem escondidos. Vão ficar esperando aqui até eu achar alguém apropriado para tomar conta.”

“E Fareeha?” Jack tentou adivinhar. “Você falou com ela?”

“Eu... deixei uma mensagem para ela”, disse Ana.

“Tem certeza de que quer deixar as coisas assim? Pode demorar bastante para você vê-la de novo.”

Se é que vou.

Ana suspirou. “Ele nunca respondeu à minha primeira carta.”

Jack se retraiu. “Com o tempo ela vai mudar de ideia. Ela ama você. Você disse alguma coisa para Sam?”

“Em algum momento eu vou. Talvez”, disse Ana. “Eu fiz uma bela bagunça na vida dele sem chegar a dar a notícia. Nenhum de nós era bom de despedida, não é?”

“Somos melhores do que Reinhardt, pelo menos. Tenho certeza de que a vida inteira dele foi uma longa tentativa de evitar dizer adeus.”

“Como ele está?”, perguntou Ana.

“É uma longa história”, disse Jack. “Mas acho que vamos ter tempo.”

Ana concordou com a cabeça. “Tem uma coisa que eu quero deixar clara antes de irmos, Jack”, disse Ana. “Eu vou com você, mas não estou convencida de que isso é uma boa ideia. A Talon, Overwatch, Gabriel... Eu já deixei eles para trás. Doe.” Ela fez uma pausa. “Quando eu vim para a necrópole, a maioria dos artefatos que encontrei estava em ruínas. Eu recuperei o que podia, mas tive que deixar o resto. Isso é o que mais importa, Comandante.”

“Não me chame assim”, reclamou Jack. “E vamos lá. Temos que fazer uma visitinha a alguns velhos amigos.”



Eles deixaram a necrópole, vedando a entrada. Muito depois de partirem, as relíquias de civilizações antigas continuavam aguardando na escuridão daquele aposento empoeirado. No centro de todas estava uma máscara dourada com o rosto de uma deusa. Ela também permanecia no coração do povo do Cairo e nos receios daqueles que desejavam seu mal: uma máscara e um nome.







BLIZZARD[®]
ENTERTAINMENT